

# O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. VII

AGOSTO E SETEMBRO DE 1902

N.º 8 E 9



## Um passeio archeologico no concelho dos Arcos de Valdevêz

De 1893 datam as minhas primeiras excursões archeologicas pelo concelho dos Arcos de Valdevêz. Aguçára-me o appetite a travessia da *Chã do Mezio* nas epocas da popular romagem da *Senhora da Peneda*, santuário escondido numa profunda anfractuosidade das serras da *Gavireira*. Nessa chã, pela beira do caminho, ás antas ora se encontram, ora se avistam, destacando os seus contornos mamiformes, hemisphericos, sobre a arida planura da montanha, apenas forrada de tojo rasteiro e fetos bravos. Por menos que se fosse lido nos costumes dos povos, que nos legaram estes restos solemnes do seu culto pelos mortos e das suas crenças immateriaes, o esplendido planalto do *Mezio*, senhareando larguissimo horizonte, que dilue imperceptivelmente as suas ultimas balisas pelas longes nebrinas do ceu, insinuava o evocar d'essas idades mysteriosas, que desafiaram com suas obras a furia céga e inclemente das tempestades de vária especie, desencadeadas ha tantos seculos.

O indolente chouto dos machos que, graças á firmeza das suas exiguas e curtas patas, incapazes porém de vacillarem sobre a aresta de um calhau ou de resvalarem no lagedo de uma calçada, são as cavalgadas preferidas pelos frequentadores d'aquella celebre romaria, dava-me tempo a relancear a vista pelas suaves ondulações da elevada charneca, e a lobrigar por ella fóra as antas desmontadas, que sobrepujam nutridas mamôas. Abeirando-me d'ellas, sentia-me invadir d'aquella indefinida nostalgia de tempos que nenhum de nós viveu, de epocas que nenhum de nós conheceu, e que nos permanecem encerradas num segredo quasi impenetravel. Mas depois, cada um de nós que pensa desvanecido no nosso progresso, no porvir da nossa raça, considera-se

humilhado por motivo da incapacidade para tambem transpôr, com monumentos da nossa mão e do nosso genio, apenas meia duzia de seculos, ao olhar aquelles rudes mausoleus de grandes povos, que aliás passaram com o mais magestoso desprezo da sua missão historica e na mais feliz inconsciencia de quejandas preoccupações da civilização. E não obstante, ainda hoje nos torturam, e victoriosamente, com a ansia de sabermos quem eram elles e de onde vinham, legando-nos os seus esqueletos; que lingua fallavam, mostrando-nos a sua escrita rupestre; que crenças professavam, insculpindo as pedras informes; que genero de luta pela vida lhes occupava a existencia, enthesourando-nos cuidadosamente as suas armas, a sua ceramica, as suas joias, as suas insignias.

Estas reflexões sempre me povoavam o espirito quando, ao atravessar debaixo de um sol descoberto as nuás serras d'aquelle meu concelho, noutros tempos provavelmente uberrimas de vegetação, encontrava restos da antiguidade, a principio sem intento de mais do que de os ver, e depois, irresistivelmente, com o plano bem determinado de os estudar e registar, esquadrinhando-lhes recessos.

Foi assim que, por um despertar lento de natural curiosidade, comecei a archivar em repetidas digressões os sinaes que pelo concelho ainda apparecem das civilizações archaicas. Ora pesquisava, guiado pelo onomastico, como na *Chã de Arcas*, na *Serra da Anta*, ora me dirigia pela suspeita em que me punham a situação e relevo de uma eminencia, umas vezes por informação ou noticia alheia, outras quasi a esmo, sem motivo definido. Muitas mamôas encontrei que não podiam reconhecer-se a mais de 20 metros de distancia; tão deprimidas e arrasadas que ninguem as via. Claro é que isto acontece sempre nas regiões accidentadas ou nas povoadas.

D'estes trabalhos resultou a ideia de um reconhecimento archeologico do concelho, reconhecimento que, se não é completo na parte que abrangeu, vem em todo o caso revelar a positiva existencia de restos de grande numero de monumentos megalithicos numa região onde apenas eram conhecidos uns seis<sup>1</sup>.

Não vae ainda pois acabada a tarefa, e por isso não a acompanho de uma carta archeologica, que ficaria incompleta. Não pude até agora percorrer senão as montanhas da margem esquerda do Vêz e não todas;

---

<sup>1</sup> Seis antas na Chã do Mezio regista o meu amigo dr. Leite de Vasconcellos na sua «Excursão ao Soajo» em 1882; o *Minho Pittoresco* dá-nos a gravura de outra do mesmo local, que provavelmente é uma das seis, porque varias se acham á borda do caminho.

são extensas, desertas e por vezes asperas e invias. A cada eminencia que se alcança, parece que a terra logo se dobra e desdobra; surgem para diante outros accidentes imprevistos, córregos atulhados de penedia, ingremes quebradas desnudas, ou manchadas de giestaes arborescentes, etc. E o dorso das serras, as chãs das cumeadas, as portellas ou passadouros dos altos, é indispensavel calcurreá-los todos, aos zigue-zagues, procurando as mamôas como quem procura agulha em palheiro. É nesses pontos que principalmente se encontram megalithos.

Da margem direita não conheço as montanhas; sei que ha tambem por lá muito que notar, mas d'esse lado os relevos são menos penhascosos e mais suaves, e a região tem menos de deserta que a outra. O reconhecimento deverá ser menos fatigante.

Não me occupo agora senão das antas. A descripção dos castros, tambem numerosos, fica adiada sem compromisso de tempo. E util seria fazer o estudo paralelo d'estas antiguidades.

Antes de começar, porém, o inventario d'aquelles monumentos, farei algumas considerações que os abranjam num volver de olhos geral.

Em primeiro logar não pude encontrar nenhuma denominação generica que a voz do povo applicasse ás antas. Casas dos mouros, thesouros ou celleiros d'elles, cortelhos..., são os termos que encontrei na gente analphabeta e na illustrada.

E, comtudo, ha no onomastico uma *Serra da Anta*, a qual tem os restos de um megalitho que já ninguem conhece pela nomeada propria; ha uma *Chã das Arcas*, onde encontrei dois grupos de mamôas tambem ignoradas, uma *Bouça da Anta*, uma *Leira de Anta* (*Leira Dantes*, cfr. S. Paio Dantes, citado por M. Sarmento), etc.<sup>1</sup> Estes termos ficaram pois no onomastico, mas a sua intelligencia perdeu-se pelo menos em algumas regiões<sup>2</sup>. De onde se poderá inferir, que este phenomeno está ligado a causas locais, hoje indecifreveis. A natureza

<sup>1</sup> Por um documento, tive noticia de um ponto chamado *Alto da Arca de Sangrou*, que ainda não pude visitar: O termo *modorrão* existe tambem, mas locativamente, applicado a um castro da freguesia de *Eiras*. Villa-Amil (*Castros y mamôas de Galicia*, pag. 201), refere-se a um castro gallego, denominado *Modorra dos Mouros*. Em Alijó chamam modo.ras ás antas (*Arch. Port.*, iv, 181). Vejam-se as *Religiões da Lusitania*, por Leite de Vasconcellos, 1, 251 sqq.

<sup>2</sup> Isto não succede com os castros. Embora o povo hoje não saiba afirmar nitidamente que foram povoações (em alguns talvez só temporarias), uma sombra de tradição ainda parece reconhecer-se no contar que, entre castros fronteiros,

funerea d'esses monumentos tambem de todo se obliterou da memoria das populações. E aqui o facto é mais generico. Parece que houve um hiato historico dilatado entre a epoca do levantamento, utilização e reconhecimento das antas e uma civilização ulterior mais ou menos distanciada, que inteiramente ficou ignorando o verdadeiro destino dos megalithos. As tradições, d'esta forma, extraviaram-se por completo. O assunto é digno de meditar-se<sup>1</sup>.

O concelho dos Arcos de Valdevêz tem uma balisagem natural pela crista das vertentes todas de um só rio, o Vêz. É de certo uma singularidade topographica. Este rio, affluente do Lima, reúne exclusivamente aguas da orographia do concelho. Os castros estenderam-se ao longo das alturas que mais de perto cingem o valle primario, tal como linhas paralelas de fortificações que se escalonassem para defender os áditos d'esta região de serras. Os castrejos procuravam a contiguidade das veigas ferteis que atapetam o fundo do valle e que o esteiro do Vez refresca, para nellas exercerem a agricultura ou pastorearem os rebanhos. Reservaram em regra as alturas para as suas moradias e quiçá as sombras das frondentes montanhas para asylo de seus mortos. É uma lembrança commovedora e que dogmatiza bem a dignidade do homem perante a natureza: a do culto piedoso e solemne que os povos, ainda no inicio das civilizações, prestaram aos seus defuntos. E é isso o que d'elles nos ficou. Póde bem dizer-se que principalmente a archeologia prehistorica é uma grandiosa elegia.

Mas regressemos d'estes devaneios, que em todo o caso não são pura fantasia, e olhemos para as antas que dormem abandonadas nas montanhas d'este concelho.

Ou porque tenham desaparecido das baixas, não deixando mais vestigios que os toponimicos, ou porque de facto não tenham jamais lá existido, o que é certo é que as antas de maiores dimensões não se vêem senão nas mais elevadas altitudes do systema orographico do concelho; ahi tambem os seus constructores encontravam já soltas e inadherentes pela acção do tempo as grandes lages com que capeavam

---

havia rivalidades e combates. Como é preciso que o archeologo se não deixe fascinar pela apparencia archaica de uma tradição, devo dizer que no concelho dos Arcos, no seculo XVII, pela invasão do exercito de Pantoja, enquanto os hespanhoes avançavam por uma margem do rio, os portuguezes iam-nos incomodando pela outra, ferindo-se por vezes alguns combates de um contra o outro lado onde se encontram castros. O que ha a favor da tradição archaica, é que esta tradição tambem existe noutros pontos, por exemplo, na Galliza. (*Villa-Amil, Castros y mamoas de Galicia*, pag. 197 e 205).

<sup>1</sup> Cfr. *Religiões da Lusitania*, por Leite de Vasconcellos, 1, 258.

essas camaras sepulcraes. O transporte não offercia insuperaveis embaraços, nem pela distancia, nem pelas escabrosidades do terreno. (Cfr. Cartailhac, *Les âges préhistoriques*, pag. 152 e 156).

Nas eminencias inferiores e em situações proximas de alguns castros, topam-se antas de menores proporções, tanto pelo que respeita á mamôa, como ao dolmen propriamente dito. A região é menos aspera, os granitos menos denudados e portanto menos expostos á poderosa corrosão do gelo e das chuvas. Os grandes calhaus teriam de ser tallados na rocha viva e arrancados; só os de dimensões medianas é que poderiam encontrar-se quasi aparelhados.

Todas as antas são constituídas por pedras que não tem o menor sinal ou vestigio de trabalho humano nas faces externas.

a) *Chã das Arcas* (4 antas):

Foi a toponomia do logar que me levou a procurar as antas da portella assim denominadas (vid. *Religiões da Lusitania*, por Leite de Vasconcellos, pag. 254, Cartailhac, *ibid.*, pag. 147 sqq. e *Arch. Port.*, 1, 350). Não me enganei na minha presumpção<sup>1</sup>. A *Chã das Arcas* occupa um local situado entre os marcos designados na carta geodesica n.º 4 com as cotas 443 (*Penacova*) e 471 (*Cumieira*), e na geographia administrativa do concelho está situada nos limites das freguesias de *Grade*, do *Valle* e de *S. Payo*. Marca um ponto da linha divisoria das aguas do *Vêz* e do *Lima*. Contiguo lhe fica o *Côto da Pena*, castro de que restam alguns vestigios<sup>2</sup>. Quanto a antas, encontram-se, descendo d'este alto, quatro pequenas mamôas em dois grupos distanciados cêrca de 700 metros. O grupo mais proximo do castro da *Pena* compõe-se de duas pequenas mamôas quasi contiguas, tendo de altura 1 metro a 1<sup>m</sup>,5. Em Setembro de 1895, que foi quando visitei este sítio, já só existia um dos tranqueiros de uma das antas. No logar da camará restava apenas uma depressão ou escavação. A mamôa era

<sup>1</sup> Não quero com isto significar que alguém na região dê o nome de *arcas* aos dolmens. Se na realidade, estas *arcas* eram monumentos prehistoricos ou marcos não o juro. Divisão territorial que alli houvesse, desconheço-a. Naquelle ponto tocam-se as terras de duas freguesias, que se chamam *S. Pedro darcos* (hoje N.º S.º do Valle) e *S. Payo darcos*, aquellá anterior á monarchia, esta muito antiga tambem. Se *arcos* e *arcas* tivessem o mesmo sangue etymologico, estava explicado o nome da villa dos Arcos de Valdevêz, cuja séde é *S. Payo darcos* e sobre cuja origem se tem fantasiado a capricho. Tem a palavra os cavadores d'estas linhagens da palavra.

<sup>2</sup> Para a banda do norte distinguem-se ainda dois ou tres patamares caracteristicos; e no alto, do mesmo lado, alicerce de um lanço de muro, entre dois penedos.

constituída de terra á mistura com cascalho graudo. Em uma d'ellas informaram-me que, havia pouco, tinha sido inhumado um touro... Aviso a surpresas de exploradores incautos.

Do chão recolhi um caco grosseiro e um fragmento de utensilio de pedra (gneiss alterado) obtido na natureza, mas com signaes de aproveitamento pelo homem. Lembra os do *castello de S. Miguel-o-Anjo* (*Arch. Port.*, I, 6). Não podia provir do castro proximo por transporte natural. Havia ao lado d'este grupo uma pequena elevação de terra, que deixava duvidas acêrca da sua definição. Poderia ter sido uma mamôa arrasada e desfeita.

O segundo grupo compõe-se de outras duas mamôas, distantes uma da outra uns 100 metros. São das mesmas dimensões e do mesmo aspecto que as anteriores. Roubadas as pedras. Este grupo acha-se a NO. do marco geodesico 471 (*Cumieira*).

b) *Chã do Torrão* (3 antas):

Visitei este sitio da freguesia de Gondoriz<sup>1</sup> em Agosto de 1895. D'elle se desfruta vasto panorama. A este tempo pois se refere o estado dos monumentos que descrevo.

No mappa geodesico n.º 1 deve collocar-se esta chã entre os pontos 350 (*Selim*) e 415 (abaixo e a O. de *Villa-Boa*), no caminho de *Boa-Vista* (O. de *Selim*) para este ponto 415. Á distancia de dois kilometros existe um lugar, ainda hoje habitado, com o nome de *crasto*. Se não fosse esta circumstancia, não se lhe reconheceriam signaes d'aquillo que provavelmente foi.

São tres as mamôas d'este grupo. A mais meridional é um pequeno *tumulus* de terra misturada com cascalho. Desappareceram já as pedras da anta e ficou só a depressão central, como corpo de delicto do sacrilegio.

A segunda mamôa, tambem violada, encontra-se a 80 metros da primeira, mas está tão junta á terceira e ultima que os perimetros

---

Á superficie da terra topam-se alguns restos ceramicos, analogos na pasta aos de outros castros. Nos flancos informaram-me que tem apparecido enterrados *porrões* com cinzas (urnas funerarias). Ha a lenda do *olho marinho* (como em outras estações); isto é, não se pode cavar em determinado ponto, defronte do ribeiro de *Carralcova* (que se avista), com risco de rebentar um olho de agua. Prende-se-lhe tambem a tradição de luta com os *Crastos do Valle*, que lhe ficam a distancia e em situação inferior para sul. A denominação de *Côto da Pena* parece conservar a memoria de alguma pedra porventura com valor archeologico, mas que hoje em vão se procura.

<sup>1</sup> Na bôca do povo é Gundriz (de *Gunderici*).

das duas se cortam. O meu guia, a quem eu acabava de explicar o destino d'estes monumentos, que para elle eram thesouros do tempo da mourama, commentou, ao ver estas duas mamôas:

—Então, senhor, isto aqui era marido e mulher!

No concelho não conheço segundo exemplar d'esta especie de geminação de mamôas.

Tem cada uma a circumferencia de 70 metros e a altura de 1 metro a 1<sup>m</sup>,5, o que quer dizer que são das mesmas dimensões que as da *Chã das Arcas*. Do chão recolhi fragmentos ceramicos, sem ornamentação alguma, trabalhados á roda, mas de pasta e aspecto claramente archaicos.

c) *Alto* ou *Chã do Mezio*<sup>1</sup> (16 antas):

O *Mezio* é uma vasta portella, uma larga e alta chã, flanqueada aproximadamente a NE. e SO. pelos montes do *Guidão* (1:217 metros) e do *Gião* (798 metros), e atravessada pelo caminho de *Cabana-Maior* para *Soajo*. O seu relevo contem-se nas cotas maximas de 728 e 716 e na minima de 640, ponto exactamente obtido na trajetoria d'aquelle caminho. (Vide Carta n.º 1 da Commissão geodesica). É uma situação elevada e, para quasi todos os lados, a vista é soberba e o horizonte dilatado. O estuario do Lima fica-lhe a SE., e d'alli se observa como este pittoresco rio, depois de serpentear por entre serras de tortuosos flancos, vae adormecer ao longe em manso e estirado leito pelas veigas da Correlhã até ao Oceano<sup>2</sup>.

As notas que se seguem foram por mim tomadas num minucioso exame que passei ás mamôas do *Mezio* em Outubro de 1895. Havia dois annos porém que eu já tinha descoberto algumas.

As antas do *Mezio* podem marcar-se na referida carta desde um ponto a E. da cota 728, seguindo pelas dos n.ºs 661 e 640 até proximo

<sup>1</sup> *Mezio* ou *Homezio* é antigo termo portuguez, que ficou no onomastico nacional. Não é este o unico *Mezio*. Pode ver-se: *Elucidario*, s. v., «omizio»; *Revista Lusitana*, I, 52; *Panorama*, II, 379; *Historia de Portugal*, de Schaeffer, I, 250. Em *Avis* chamam gado do *Almezio* (vid. *Revista Lusitana*, IV, 227) ao gado do monte. Em Castro-Daire e Lamego ha *Mezios*.

<sup>2</sup> Não sei se é ás antas do *Mezio* ou a outros vestigios que ainda não topei, que Fr. Lourenço do Valle, amigo de Cenaculo, se quer referir em uns manuscritos existentes na Bibliotheca de Evora, segundo apontamentos do meu amigo Leite de Vasconcellos: «Hoc etiam mire vidi in monte *Homezio*, juxta Soajo. Ampliora sunt igitur aedium, terra sub gravi carbonibus, lateribusque vestigia fortuito delecta fossoribus, et quae quondam fuisse incendio sepulta testantur».

do ponto 716. É uma linha um pouco encurvada, mas orientada proximamente de N. para S.

São quinze as antas que lá encontrei: um polyandrio em ponto reduzido. Infelizmente todas saqueadas e muitas destruídas; a triste mamôa com a excavação central. Castro algum lhe fica proximo; é já a região da montanha inculta, em outro tempo talvez coberta de frondoso bosquedo<sup>1</sup>.

Começarei a descripção d'estes monumentos pelo mais septentrional, ao fundo do elevado cone do *Guidão* (1:217 metros).

1.<sup>a</sup> Mamôa de terra e sarulho, como todas as outras; mede de circumferencia 59 metros e de altura ao centro 2 metros sobre o nivel do terreno circumjacente. As alturas d'estes monumentos foram calculadas por estimativa; os circuitos foram medidos á fita metrica com o possivel rigor.

A anta acha-se destruida e destroçada, com excepção de dois dos esteios ou tranqueiros.

2.<sup>a</sup> A mamôa tem as mesmas dimensões.

Existem as ruinas da anta, cuja tampa mede 2<sup>m</sup>,10 × 1<sup>m</sup>,50. Distada anterior 500 metros *plus minus*<sup>2</sup>.

3.<sup>a</sup> A circumferencia do monticulo artificial dá 30 metros; a altura aproximadamente é de 1 metro. Nem uma só pedra escapou. Fica a 70 metros da anterior.

4.<sup>a</sup> É a melhor de todas. Encontra-se a 40 metros da antecedente, para SE. Conserva-se a mamôa com seus 59 a 60 metros de circuito e a crypta figurada na fig. 1.<sup>a</sup> (corte e planta nas figs. 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup>). Quando se avista esta mamôa nada faz suspeitar a conservação da camara sepulcral, porque está inteiramente enterrada. Subindo porém ao cume do monticulo, depara-se-nos logo uma grande lage, ainda em parte coberta de terra (em 1895), e que tem á vista 3<sup>m</sup>,10 × 1<sup>m</sup>,80. Esta lage

<sup>1</sup> D'essa secular vestidura resta ainda talvez um bello pedaço, na chamada *Mata do Ramiscal*, que occupa as margens do ribeiro de *Cabreiro* a 2 kilometros das nascentes (1:208 metros) até cêrca de 8:000 metros abaixo. Essa esplendida mata é o mais incondicional logradouro de vandalos que se pode crer em terras de civilização. Povoam-na carvalhos e azevinhos.

<sup>2</sup> Á distancia aproximada de 100 metros, na direcção em que venho, encontra-se uma elevação de terra e sarulho, não emergindo totalmente do terreno, mas só metade, porque a outra parte confunde-se com o relevo do monte. Esta elevação é coroada por uma lage de 2<sup>m</sup>,90 × 2 metros, que se apoia por um lado na rocha natural e pelo outro descansa sobre um calhau de forma arredondada. Duvido que tudo isto seja obra do homem. Mas terá sido aproveitada? (Vide *Revista de Guimarães*, xviii, 26). Registo em duvida.

é uma das tampas ou capas da anta; todas as outras acham-se occultas ainda. É claro que este monumento foi já saqueado, mas conserva ainda todas as suas pedras nas respectivas posições. Os violadores inespertos atacaram-no pelo lado do O., cavando junto a dois dos esteios ou tranqueiros, até conseguirem desviá-los um pouco para fora, e formar assim uma abertura, uma especie de escotilha, por onde apenas pôde introduzir-se um homem, descendo-se;

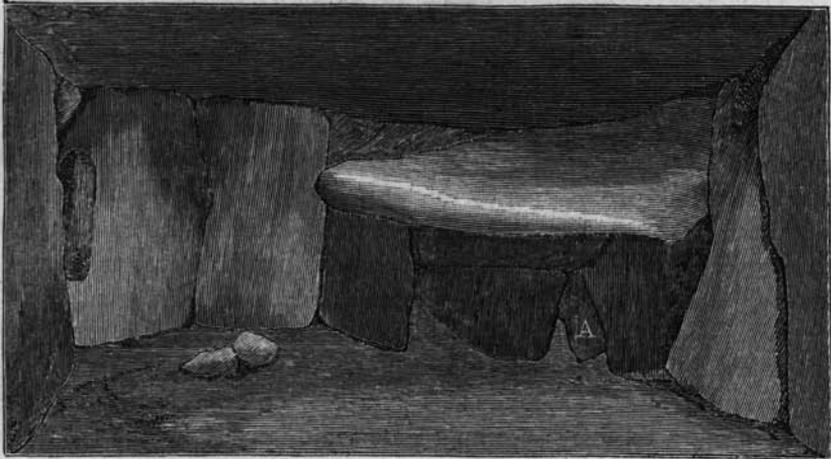


Fig. 1.ª

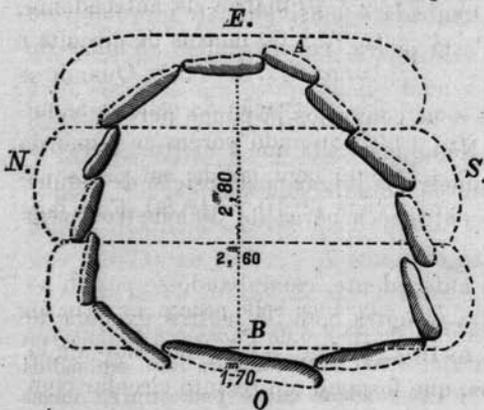


Fig. 2.ª

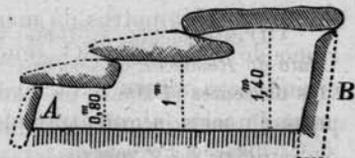


Fig. 3.ª

Entrando-se na camara ou crypta, nota-se que todas as pedras conservam ainda os seus logares, sustentando as de supporte tres grandes lages que capeiam a anta. O pavimento é de terra negra e mede  $2^m,80 \times 2^m,60$ , sendo aproximadamente circular. A entrada propria da anta parece ter sido para E., na pedra A. Conclue-se isso pelo exame da

disposição dos pés-direitos relativamente uns aos outros. Como se póde verificar na planta da camara, estas pedras estão dispostas não de-topo mas de-coberta, isto é, sobrepondo parte das suas faces menores. D'esta sorte, a vedação das juntas era tanto quanto possivel completa, porque as pedras ajustavam-se pelas faces lisas, naturaes, e não pelas fracturas irregulares e toscas. Este processo de construir tem sido reconhecido em outras explorações (Cfr. *O Pantheon*, n.º 1, artigo de Martins Sarmiento, sobre as antas do Valle de Ancora). As primeiras pedras collocadas pelos constructores megalithicos teriam sido os tranqueiros da entrada propria da anta; successivamente viriam outras encostando-se ás que as precediam e sobrepondo-se em parte.

Do córte da anta tambem se pode inferir qual o processo de assentamento das padieiras; a primeira collocada teria sido a mais proxima da entrada; sobre essa correu a segunda e por ultimo a terceira. A pedra A deve ter sido a porta, e como tal collocada em ultimo lugar. Parece-me que por ahi deviam ter começado exploradores mais avisados. O esteio ou tranqueiro opposto á entrada mede, na parte visivel interiormente, 1<sup>m</sup>,70 de largura por 1<sup>m</sup>,40 de altura, que pois representa a maxima altura interna da camara funeraria.

5.<sup>a</sup> A 150 metros aproximados para SE. da referida mamôa encontra-se outra de dimensões apparentemente iguaes. Parece ter tido uma pequena galeria com 2<sup>m</sup>,80 de extensão e de largura 0<sup>m</sup>,80; orientada NO.-SE. A lage superior tombada é sensivelmente circular com 2 metros de diametro. Alem d'esta pedra, conservam-se algumas de suporte.

6.<sup>a</sup> Pequena mamôa, com os seus contornos já pouco perceptíveis, o que torna impossivel medi-la. Não é mais alta que 1 metro. A crypta não teria mais de 1 metro de diametro, a julgar pela posição de alguns supportes. Este monumento encontra-se a cêrca de 300 metros para SE. do anterior.

7.<sup>a</sup> A 150 metros da mamôa antecedente, caminhando-se porém no rumo de NE. para SO., encontra-se outra com 55 metros exactos de circuito e a altura de 1<sup>m</sup>,5 a 2 metros. Existe a lage superior ainda pousada sobre alguns tranqueiros, que formam um recinto circular com o diametro de 2 metros.

8.<sup>a</sup> Torneando um pouco para S., avista-se uma mamôa junto ao caminho. As suas dimensões são identicas ás da primeira que descrevo, isto é, mede 60 metros de circumferencia e de altura 2 a 3 metros. Da anta só ficou o sitio.

9.<sup>a</sup> Voltando para SO., á distancia exacta de 30 metros topa-se com outra mamôa no mesmo estado da anterior e tão intacta como ella.

10.<sup>a</sup> Á distancia de 6 metros certos para S. ha ruínas de uma mamôa pequena, completamente saqueada e que de alto não tem mais de 0<sup>m</sup>,50.

11.<sup>a</sup> Regressando á 8.<sup>a</sup> mamôa e andando para SE. 160 metros, depara-se-nos outro *tumulus*, cuja altura não ultrapassa 1 metro, e em circuito é inferior áquella, com a qual e mais com a 9.<sup>a</sup> forma um triangulo.

12.<sup>a</sup> Partindo agora da 9.<sup>a</sup> para S., á distancia de 55 metros medidos, tocam os pés em uma mamôa, desprovida já de pedras, e tendo 70 metros de redor com 3 aproximados de altura ao centro.

13.<sup>a</sup> Medindo 23 metros do ultimo *tumulus* para ENE., vê-se novo monumento, completamente depredado, distando da 9.<sup>a</sup> mamôa 40 metros e formando triangulo com essa e mais a 12.<sup>a</sup> Não chega a ter 1 metro de altura.

14.<sup>a</sup> Afastada da anterior 80 metros ha outra mamôa na direcção S. É das de maior typo d'este polyandrio, restando da anta os supportes, elevando-se acima do *tumulus* de terra 1<sup>m</sup>,5. Parece ser a que vem figurada no *Minho Pittoresco*. Será difficil dizer hoje desde quando data o desaterro do dolmen.

15.<sup>a</sup> É uma mamôa de 2 metros aproximadamente de altura que está situada a 65 metros de distancia da anterior para SSO. Deixaram-lhe por favor um tranqueiro.

16.<sup>a</sup> Esta mamôa encontra-se entre o *Mezio* e *Bouças-Donas* do outro lado de uma ribeira e a algumas centenas de metros da 1.<sup>a</sup> Não a vi eu, mas um companheiro meu d'estas digressões que me mereceu credito.

Como costume, indago sempre se a voz popular tem para esta especie de monumentos alguma designação especial. Não a encontrei ainda. Explicaram-me que aquillo eram casas dos mouros, esperas das batidas ao lobo... A lenda do passado e a realidade do presente!

Não devo deixar de me referir a uns curiosos enfileiramentos de pedras, mais ou menos com as formas de lages, desenhando na planura da montanha figuras muito irregulares no traçado e nas dimensões. Algumas d'essas lages teem 1<sup>m</sup>,5 de altura, e largura igual, o que lhes dá respeitaveis dimensões. O transporte d'estas pedras teve de effectuar-se por distancia de algumas centenas de metros, desde as quebradas circundantes. Tudo está muito destroçado, mas conhece-se que em outro tempo marcavam recintos fechados, embora da maior irregularidade. Hoje ha muitas interrupções. Character archeologico não creio que tenham. É certo que, perguntando eu a um guia montanhês o que queriam dizer aquellas pedras, elle me explicou que eram *bouças*

do tempo dos mouros<sup>1</sup>, o que a meu ver, não é bastante para lhes dar valor archeologico. Relação com as antas, não me parecem ter; e a prova está na 4.<sup>a</sup> mamôa, que é atravessada por duas das taes vedações. Chamam-se *bouças de João Paz*.

d) *Chã do Porrêdo*<sup>2</sup> (1 anta):

Este local pertence á freguesia de S. Jorge e fica nos limites d'esta e de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> do Valle. Sendo pouco extenso, não é facil determinar-lhe bem a situação na carta geodesica n.º 4, mas parece estar comprehendido nos pontos designados com as cotas 348, 378 e 470, vertentes do rio Lima.

Percorri estes sitios em Setembro de 1895, e ainda não voltei lá depois d'esse anno.

A mamôa que lá existe é das de maior typo d'este concelho. Conteei-lhe 64 metros de circuito, mas de alto apenas 1<sup>m</sup>,5. É preciso, creio eu, presumir que a primitiva elevação d'estes monumentos deve ter sido maior; o que actualmente as protege é o mato; *in illo tempore* eram decerto abrigadas pela vegetação arborea circumdante.

Do que era mais difficil livrar-se uma anta, era da rapina; e assim nesta perdeu-se tudo, menos... o que era intransportavel. A escavação que ficou, mede seis passos por tres.

Os monumentos d'esta limitada região apresentam uma particularidade que me feriu a attenção, e não só a mim mas a um guia que me acompanhava e que, a respeito de prevenções litterarias, mal saberia ler.

O *tumulus* é constituído de terra e cascalho grosso, abundante no monte, mas em redor da camara ou das suas ruinas estão collocadas, contiguamente, series de pequenas lascas de pedra em disposição imbricada inversa, isto é, assentes como as lousas de um telhado de ardósia, mas de tal forma que são as inferiores que recobrem as superiores e não vice-versa. O meu guia designou esta disposição por um termo feliz, dizendo que eram pedras *entelheiradas*; e são-no, mas inversamente.

<sup>1</sup> Bouça é um pedaço de monte, fechado por parede, isolado do restante baldio, para que a vegetação se desenvolva a salvo do dente do gado. É propriedade particular. Constitue, penso eu, o modelo e methodo a seguir na arborização gradual das nossas montanhas. Monte é, na linguagem d'estes sitios e em sentido restricto, o maninho.

<sup>2</sup> *Porrêdo* poderá vir de *pôrro* (alho) e designar abundancia d'elles (Cfr. *arvoredo*, vinhedo).

Se este systema de construir as camadas externas das mamôas se inspirava na intenção de as tornar mais consistentes, necessidade acaso reclamada neste sítio por motivos que hoje não adivinhamos, ou talvez improprias para a vegetação, pareceu-me que na verdade bem sagazmente andaram os nossos prehistoricos avoengos. A erosão da mamôa devia ser quasi nulla durante muitos seculos, e a anta ou propriamente o jazigo funebre, embora fosse construido por pedras de pequenas dimensões, como era presumivel que o fosse naquelle sítio, por não haver de outras, deveria ficar muito melhor protegido contra a rapina. Resgatava-se assim por uma construcção especial a immunnidade que deveria provir do megalithismo ritual.

O monumento era em 1895 cortado lateralmente por um caminho.

e) *Alto das Raposas* (4 antas):

Subindo da *Chã do Porrêdo* no rumo E., alcança-se o *Alto das Raposas*. Ao dobrar o pendor do monte para a cumieira, em um penedo ha este signal  o qual, conforme a posição do observador, pode considerar-se com o vertice para cima ou para baixo. As linhas cheias indicam a parte em que se reconhece trabalho humano; a ponteadada a parte em que elle é discutivel. É de 0<sup>m</sup>,20 o comprimento das hastes maiores.

1.<sup>a</sup> Logo a seguir encontra-se uma mamôa que tem 22 metros de circumferencia. Destroçada como as que seguem.

2.<sup>a</sup> A 40 metros de distancia ha outra medindo no circuito 35 metros.

3.<sup>a</sup> Está 12 metros distanciada, e é sensivelmente igual.

4.<sup>a</sup> Outra mamôa dista 17 metros, e apresenta as mesmas dimensões.

Estas mamôas estão numa direcção proximamente de O. para E. Das suas camaras só existe a depressão central, e os proprios *tumuli* tendem a desaparecer, pois já só tem 0<sup>m</sup>,70 de altura, apesar de serem *entelheirados*, — aproveitemos o termo.

f) *Alto de Sobredinho*<sup>1</sup> (1 anta):

Continuando a subir o monte encontra-se outra mamôa.

<sup>1</sup> *Sobredinho* é deminutivo de *Sobrêdo* que está no mesmo caso de *Porrêdo*; isto é, vem de *Sôbro*. Devo esta indicação ao Sr. Dr. Leite de Vasconcellos, que me diz mais, que *Sobrêdo* existe no onomastico de Vianna do Lima e de Villa Real; e cfr. *Sobrêdo* que se encontra em Trás-os-Montes, Beira e Extremadura. Na Galliza ha muitos *Sobrêdos* e pelo menos uma *Sobrêda*. Em Oliveira do Hospital ha o dolmen da *Sobrêda* (vid. *Portugalia*, I, 13).

1.<sup>a</sup> Esta apresenta a feição e o aspecto das anteriores e acha-se no mesmo estado.

g) *Côto de Villar de Ossos* (6 antas):

Ainda no mesmo local, subindo sempre, mas desandando um pouco para N., em uma eminencia que fica sobranceira ao logar de *Villar de Ossos*, descobre-se novo grupo de monumentos d'esta natureza, ao todo 6, e tão desfeitos que mal destacam o seu relevo. Não teem mais de 25 metros de circumferencia.

São construidos de terra e lascas de pedra, colhidas á superficie do monte, onde se encontram em grande cópia. Ainda é bem patente a disposição especial a que acima me refiro.

Em nenhum outro ponto do concelho encontrei mamôas construidas por esta fórma.

Em uma monographia intitulada *Contribution à l'étude des marchets* (separata do tomo XXI dos *Annaes* da Sociedade Archeologica de Namur) pelo barão Alfredo de Loë (1895), encontra-se a descripção de alguns *tumuli* belgas, designados com a locução *marchets*, em que se poderá ver alguma analogia com estas mamôas formadas, como aquelles, de cascalho quasi só. Nas dimensões esses monumentos ainda se aproximam dos nossos (altura 0<sup>m</sup>,50 a 1<sup>m</sup>,5; diametro 3 a 18 metros). Não quero por isto estabelecer filiação, mas notar o facto e insinuar que causas identicas devem ter produzido factos analogos em todas as regiões. Os *marchets* encontram-se em sitios elevados, incultos e agrestes; as mamôas *entelheiradas* tambem, mas aqui a abundancia de lascas suggeriu de certo aos constructores d'estes monumentos a imbricação do cascalho exterior. Os *marchets* são tambem protegidos por cascalho irregular, mas muito conjunto.

h) *Lamas do Vêz* (6 antas):

Nas quebradas setentrionaes do ponto mais elevado (1:415 metros) da orographia de Entre-Lima-e-Minho, o *Alto da Pedrada*, sito na parte da serra de Soajo denominada *Outeiro-Maior*, entre as cotas 1:258 e 1:288 metros da carta geologica n.º 4, dilata-se uma larga planicie, a que chamam *Lamas do Vêz*, porque ali brotam, por entre a urze e os piornos, os fios de agua que engrossando gradualmente vão formar o curso do rio Vêz.

A esta já respeitavel altitude, encontrei em 1894 seis bellas mamôas, cujas dimensões não pude tomar com rigor, mas que me pareceram semelhantes ás do *Mezio*. As antas foram saqueadas e derru-ladas. Pertencem, pois, á classe das antas megalithicas do concelho,

podendo as do outro typo (*Chã das Arcas, Porrêdo, Alto das Raposas* etc.) considerar-se como tendo sido antellas, a julgar pelas dimensões do que resta.

i) *Chã do Calçado* (2 antas):

O *Calçado* é uma lomba de serra que na carta geodesica n.º 1 tem a cota de 1:250 e fica a SE. do marco lá inexactamente designado com o titulo de *Peneda* em vez de *Pedrinho*<sup>1</sup>. Nesta chã existe uma bella anta, alterada bastante, cuja camara mede interiormente 1<sup>m</sup>,30.

Como actualmente serve para *espera* nas batidas ao lobo, é isso o que nos respondem os habitantes da região quando se pergunta pelo epitheto de tal construcção.

A 60 metros para E. da mamôa anterior encontram-se ruínas de outra.

j) *Alto do Campello* (1 anta):

Este ponto, situado na mesma serra, e na freguesia da *Gavieira*, tem a cota de 1:155 metros e encontra-se a 1:000 metros ao Sul do marco da Cesta<sup>2</sup> (1:131 metros) e a NE. do *Pedrinho*. Vê-se ahi uma

<sup>1</sup> Esta inexactidão provém naturalmente de informação confusa prestada pelos guias ao distincto engenheiro que levantou a carta geodesica nesta região. O marco a que na carta n.º 1 se assigna o titulo *Peneda*, é conhecido pelos habitantes com o nome de marco do *Pedrinho*, e teve a cota de 1:373. Pertence á freguesia de *Sistello*. *Peneda* é o nome de um logar que se encontra na mesma carta ao centro de um quadrilatero formado pelos marcos Penameda (1:258), Rajada (1:081), Veiga (1:139) e Agua Santa (1:139). É um ponto situado no fundo de um valle agreste, e nelle existe um santuario (N.º S.º da *Peneda*) muito concorrido, em duas romarias do anno, por gente do Norte, do Minho e da Galliza. Pertence á freguesia da *Gavieira*. Esta grande serra tem sido designada pelos que consultam esta carta com a epigraphie de serra da *Peneda*, em consequencia da facilidade com que salta á vista a palavra *Peneda* (aliás *Pedrinho*) escrita em letras maiusculas, mas deverá ser chamada *Serra de Soajo*<sup>1</sup>, porque o seu ponto culminante (*Pedrada*, 1:415 metros) está dentro de limites da freguesia de *Soajo*. Da evidencia com que na carta da Commissão Geodesica se apresenta a palavra *Peneda* (1:373 metros), provém esquecer-se o ponto mais elevado da serra, situado numa collina chamada *Outeiro-Maior*, cujo cimo restrictamente é conhecido por *Alto da Pedrada* e sito a 1:415 metros de altitude, o ponto mais elevado do norte do país depois do Gerez.

<sup>2</sup> De *cista* deve provir, mas não no sentido archeologico. Talvez o local dê a decifração do nome.

<sup>1</sup> Isto não impede que se possam chamar serras da *Gavieira* as montanhas situadas na arca da freguesia da *Gavieira*, embora sejam seguimento da cordilheira principal ou *Serra de Soajo*.

anta do maior typo da região, anta cuja lage superior de forma elliptica mede  $3^m,20 \times 2^m,40 \times 0^m,50$  de espessura (fig. 4.<sup>a</sup>).



Fig. 4.<sup>a</sup>

Como serve hoje de abrigo ao gado que pastoreia no monte, ouvi darem-lhe o nome de *cortelho*. O sitio, onde se levanta este monumento é a *Mota do Olho Marinho*<sup>1</sup>. No dizer de um pastor que me mostrou esta respeitavel mamôa, foram os mouros que fizeram tal obra:—*Homens, senhor, não podiam!* accrescentava elle.

k) *Serra da Anta* (1 anta):

Em área das freguesias de Portella e de Sistello, desde o logar da *Mourisca* até ao côto da *Estrica*, está a serra chamada da *Anta*, onde effectivamente visitei as ruínas de uma. Na carta tem o local inexactamente o nome de *Mendoiro*<sup>2</sup> e conta 796 metros de altitude. Da anta não se vê mais que a mamôa. Apesar do nome da serra, ninguem me sabia dizer onde era o megalitho.

l) Junto ao caminho que liga as duas freguesias de *S. Jorge* e *Ermello*, antes de chegar a *Villar de Ossos*, existiam em 1897 as ruínas de uma anta, já sem pedra alguma.

São estas as 46 antas de que posso dar noticia exacta, porque as visitei todas, menos uma. Restringindo-me, porém, á área do concelho dos Arcos de Valdevêz, posso ainda indicar algumas por informação, nas freguesias de *Gondoriz* (sítio de *Entre-côtos*), do *Valle* (logar de *Paredes*), da *Miranda* (ao S. e ao N. do *Castello*), do *Extremo* (*Bragandêllo*), da *Portella* (sobre o sítio da *Lagoa* e no *Penedo do Lobo*), e de *Padroso*,—sem comtudo estar habilitado a dizer o seu numero. D'esta

<sup>1</sup> Villa-Amil (*Castros y mamoaes de Galicia*) dá o nome de *motas* a umas protuberancias ou elevações de terra que tem encontrado no cimo de alguns castros gallegos.

<sup>2</sup> *Mendoiro* é sítio que ficã na vertente norte d'esta mesma serra.

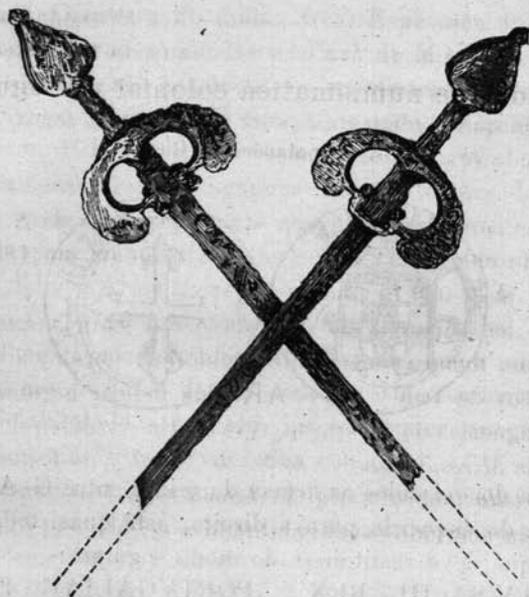
rapida exposição se infere que a archeologia portuguesa tem um vasto campo de estudo deante de si, não lhe minguando megalithos para exercer a sua actividade, mas estando ainda longe de completar o inventario d'estes monumentos. Em cada concelho se deveria fazer uma investigação archeologica capaz de revelar todos ou os principaes vestigios das antigas civilizações. Confesso porém que é difficil fazê-la por estranhos. Por meio das auctoridades locaes, é inutil tentar semelhante empresa. Do Sul ao Norte de Portugal as antas são abundantes, attingindo as maiores altitudes das regiões montanhosas.

Maio, 1902.

FELIX ALVES PEREIRA.

### Espada antiga

A espada que se representa na figura junta, vista dos dois lados, tem de comprimento 1<sup>m</sup>,03. A lamina é de dois gumes, e mede de comprimento 0<sup>m</sup>,86; de largura junto ao punho tem 0<sup>m</sup>,04, diminuindo proporcionalmente, e tendo proximo da ponta 0<sup>m</sup>,2.



Junto ao punho tem um corte semi-circular, aonde se apoia a segunda phalange do dedo indicador, sobrepondo na primeira d'esse dedo